

Sintomas mentais em homeopatia versus neurociência em medicina veterinária

Mental symptoms in homeopathy versus neuroscience in veterinary medicine

Irvenia Luiza de Santis PRADA¹; Marcela de Santis PRADA²

¹ Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Departamento de Cirurgia, São Paulo – SP, Brasil

² Médica Veterinária Homeopata (autônoma)

Resumo

O objetivo deste estudo foi o de conhecer a devida correspondência entre os sintomas mentais considerados na homeopatia e as várias regiões e estruturas identificáveis no encéfalo dos animais. Os resultados obtidos mostraram que as sensações e emoções muito primitivas, como medos e fobias, interagem pontualmente com regiões evolutivamente também muito primitivas do cérebro (como amígdala e núcleos septais), enquanto sentimentos “nobres” como afeto e lealdade interagem holisticamente com várias estruturas cerebrais evolutivamente mais recentes, tais como as áreas neocorticais terciárias associativas (área pré-frontal e temporal). No primeiro caso, as manifestações orgânicas são mediadas pelo sistema nervoso autônomo com sinais fisiológicos de taquicardia, elevação da pressão arterial, vasoconstrição periférica, eriçamento de pelos, midríase e secreção de hormônios como adrenalina e cortisol (disfluência comportamental), enquanto na outra situação apontada, eventuais manifestações orgânicas são harmoniosas e serenas (fluência comportamental). O conteúdo de todo o texto do trabalho é indicativo do interesse prático dos dados obtidos para o clínico veterinário homeopata, ressaltando-se nesse contexto a validação do uso de repertórios homeopáticos humanos na clínica veterinária, evidentemente com as devidas precauções sempre balizadas pelo bom senso do profissional.

Palavras-chave: Sintomas mentais. Homeopatia. Neurociência. Encéfalo.

Abstract

This study was motivated by the need to determine the relationship between mental symptoms considered in homeopathy and several regions and structures identified in animal's brain. Obtained results showed that very primitive sensations (what “it feels like”) and emotions (what is “put out” in behavioral terms), such as fears and phobias, interact punctually with also very primitive brain regions (from the evolutionary point of view, such as amygdala and septal nuclei), while “noble” feelings, such as affection and loyalty, interact holistically with newer brain structures (also from the evolutionary point of view), such as the tertiary associative neocortical areas (prefrontal and temporal). In the first case, the symptoms are expressed in organic manifestations, mediated by the autonomic nervous system, with physiological signs of tachycardia, elevated blood pressure, peripheral vasoconstriction, bristling hair, mydriasis and secretion of hormones, such as adrenaline and cortisol (behavioral disfluency), while, in the second case, eventual organic manifestations are harmonious and serene (behavioral fluency). Overall results are highly suggestive about the influence of mental conditions over health and disease of the physical body, through the process of somatization. The overall content of this work is indicative of the practical interest in the results by homeopathic veterinary practitioners, and in this context emphasizes the validity of using human homeopathic repertories in veterinary clinics, obviously with suitable precaution and, always directed by good professional judgment.

Keywords: Mental symptoms. Homeopathy. Neuroscience. Encephalon.

Introdução

O interesse inicial por este assunto resultou da observação das bases neurais de expressão das emoções, pois é bem conhecida, em neurociência, a existência de um conjunto de estruturas no encéfalo dos animais e também do ser humano relacionadas a esse tipo de manifestação comportamental.

O passo seguinte surgiu da motivação de médicos veterinários homeopatas em identificar qual a relação

dos diferentes sintomas mentais elencados na homeopatia – muitos dos quais se manifestam mediante ex-

Correspondência para:

Irvenia Prada
Rua Eduardo da Silva Magalhães, 744
CEP 05324-000, São Paulo, SP, Brasil
e-mail: irvenia@gmail.com

Recebido: 15/07/2014

Aprovado: 19/01/2015

pressiva carga emocional e reações orgânicas –, com determinadas regiões e estruturas cerebrais.

Na literatura sobre o assunto, foi encontrada, com surpresa, a declaração de Samuel Hahnemann (1755-1843), médico alemão – o “pai” da Homeopatia, ao curar seu cavalo com o medicamento homeopático *Natrum muriaticum*. Teria dito ele, segundo nos informam Benez (2002, p. 58): “Se as leis que proclamam são as da natureza, elas serão válidas para todos os seres vivos”. Esse pronunciamento de Hahnemann (2007) tem um significado extraordinário, pois permite, e com isso autoriza, tanto homeopatas humanos quanto homeopatas veterinários a se valerem do mesmo repertório de sintomas e das mesmas obras básicas da homeopatia. Hahnemann (2007, p. 5) emite ainda outro conceito importante em relação, ao considerar:

No estado de saúde, a força vital de natureza espiritual (autocracia), que dinamicamente anima o corpo material (organismo), reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica [...].

E continua:

Quando o Homem adoecer, essa força vital, de natureza espiritual [...], sofre a influência dinâmica hostil [...] que pode fornecer ao organismo as sensações desagradáveis e impeli-lo, destarte, a atividades irregulares, a que chamamos de doença. (HAHNEMANN, 2007, p. 6).

Hoje, é plenamente reconhecida a importância do psiquismo animal na compreensão dos mecanismos determinantes das enfermidades (SAMPAIO, 1988).

Considerando-se as referidas citações de Hahnemann, pode-se entender que o mesmo princípio (vital) mantenedor da saúde do ser humano se encontra presente também nos animais. Esse entendimento é importante, pois durante séculos foi adotada como certa a postura cartesiana segundo a qual os animais não passavam de máquinas insensíveis e automatizadas. Até hoje, como resíduo dessa convicção equivocada, alguns ainda admitem que os animais não pensam, não têm inteligência, agindo apenas por instinto e automatismos. Entretanto, nas últimas décadas, esse panorama mudou radicalmente. Capra e Steindl-Rast

(1991), em seu livro *Pertencendo ao Universo*, registram a expressiva contribuição do biólogo Gregory Bateson que resgatou para dentro da estrutura da ciência, na década de 1960, o conceito de ser, a mente, o processo cognitivo de manifestação da vida. Esse enunciado não apenas derrubou a visão cartesiana que considerava a mente como atributo apenas do ser humano, como conferiu a existência dessa dimensão a todos os seres vivos. Surge a partir daí, uma infinidade de publicações reafirmando o novo conceito de que os animais são seres sencientes (PRADA, 2008).

Face ao exposto, o objetivo deste trabalho foi o de identificar a devida correspondência entre os sintomas mentais considerados na homeopatia e aspectos funcionais das várias regiões e estruturas do encéfalo dos animais.

Literatura

Consultamos a obra “Repertório de Homeopatia”, de Ribeiro Filho (2005), para a identificação dos sintomas mentais, destacando para a configuração dos grupos constantes dos resultados, aqueles que ocorrem de maneira evidente nos animais.

Já na consideração de aspectos constantes da neurociência, tomamos por base a obra de MacLean (1990), “O Cérebro Trino em Evolução”. Esse autor considera o encéfalo humano, bem como o de todos os outros mamíferos, formado evolutivamente por três blocos – a formação reptiliana (tronco encefálico, diencefalo e porções profundas dos hemisférios cerebrais), a formação paleomamífera (sistema límbico) e a formação neomamífera (córtex cerebral). A formação reptiliana tem a ver com mecanismos básicos de autopreservação (funções alimentares, de defesa de seu território, busca de condições ambientais de bem-estar, luta e defesa) e de perpetuação da espécie (funções sexuais e reprodutivas). A formação paleomamífera corresponde ao sistema límbico – conjunto de estruturas encefálicas relacionadas à expressão das emoções básicas como medo, ansiedade, satisfação e prazer. Por fim, a formação neomamífera (córtex cerebral) acha-se li-

gada às chamadas funções psíquicas superiores, como associação de ideias, mecanismos de aprendizado e de memória, ideação futura, crítica e julgamento de situações.

Vale lembrar Dyce, Sack e Wensing (1996) que os termos *cortex* (latim) e *palio* (grego) são correspondentes e dizem respeito à substância cinzenta disposta em folha, em lâmina. Em sua história evolutiva, o córtex apresenta-se como arquipalio (córtex do hipocampo), paleopalio (córtex olfatório) e, finalmente neopalio (neocórtex). Nos mamíferos, os dois primeiros tipos foram “empurrados” para a profundidade dos hemisférios cerebrais, pelo grande desenvolvimento do neopalio.

O neocórtex que reveste os dois hemisférios cerebrais, funcionalmente se diferencia em primário (diretamente relacionado com aferências sensoriais e eferências motoras), secundário (já tem “lampejos” interpretativos) e terciário (ou associativo, corresponde às áreas corticais pré-frontal e à porção mais alta do lobo temporal, que alguns chamam de “encruzilhada” POT - parieto-occipitotemporal). A área pré-frontal é o instrumento de realização das chamadas funções

psíquicas superiores, como vontade, iniciativa, julgamento, livre-arbítrio e ideação futura, enquanto a segunda tem compromisso com noção espacial, esquema corporal e processos associativos de linguagem.

Materiais e Métodos

Da extensa relação de sintomas mentais constante da obra “Repertório de Homeopatia” (RIBEIRO FILHO, 2005) foram selecionados aqueles que ocorrem de maneira identificável nos animais, compondo seis grupos, segundo suas afinidades. Em seguida, os grupos foram relacionados ao papel funcional das diferentes regiões e estruturas encefálicas.

Resultados e Discussão

Os “sintomas mentais” elencados na homeopatia correspondem em neurologia aos “distúrbios do comportamento e da personalidade” e relacionam-se, de modo geral, a funções mediadas pelo lobo frontal (área pré-frontal), lobo temporal, sistema límbico, hipotálamo e tronco encefálico (“SARA”), conforme veremos (Figuras 1, 2, 3 e 4). Conseguimos reunir os sintomas mentais elencados em seis grupos.

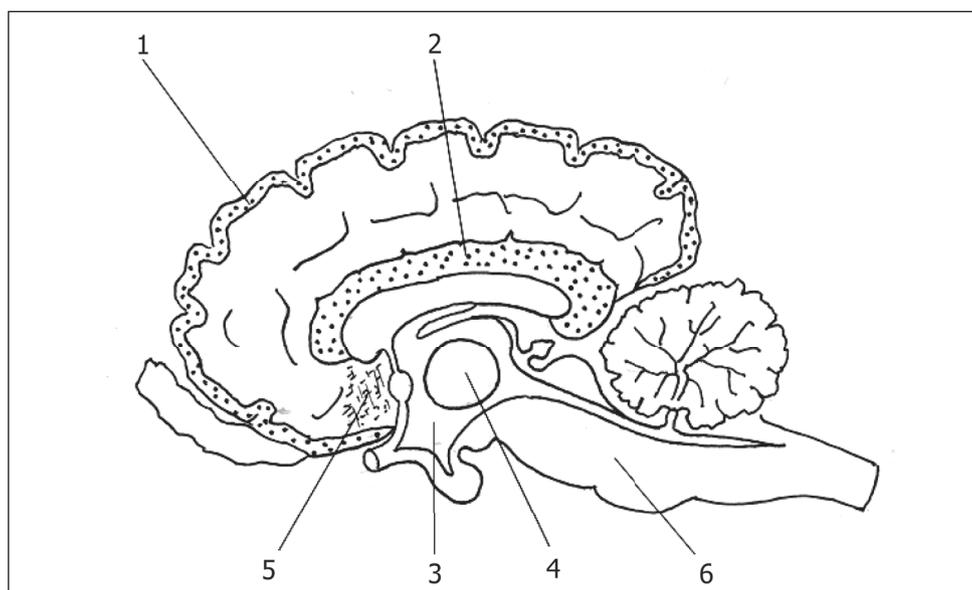


Figura 1 – Esquema representativo de encéfalo de cão, em corte mediano (vista medial do antímero direito), com destaque para regiões e estruturas encefálicas relacionadas à expressão de alguns sintomas mentais elencados na Homeopatia, conforme refere o texto. 1) córtex cerebral (neocórtex); 2) giro do cíngulo; 3) hipotálamo; 4) diencéfalo (região talâmica); 5) região dos núcleos septais; 6) tronco encefálico

Fonte: (PRADA, 2014)

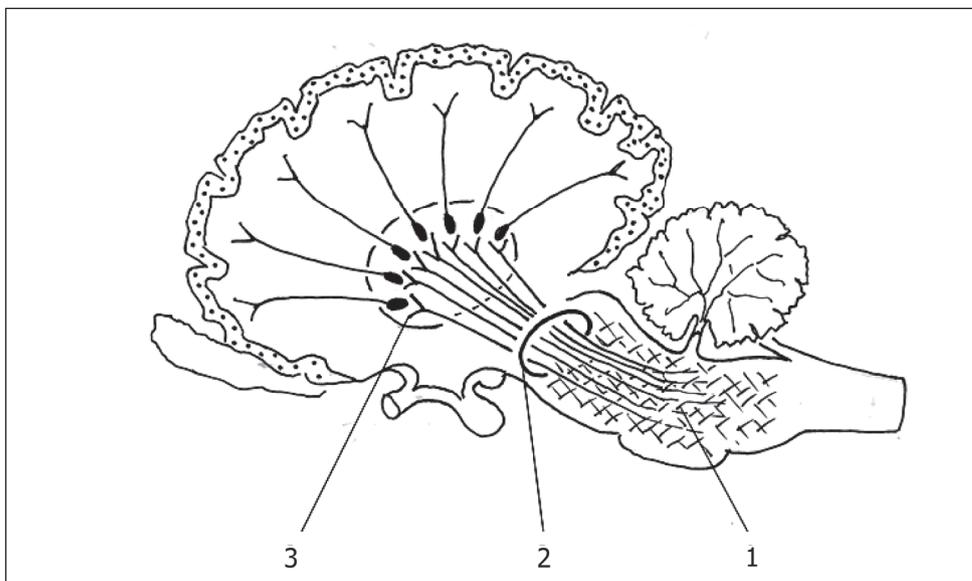


Figura 2 – Esquema representativo de encéfalo de cão, em corte mediano (vista medial do antímero direito), podendo-se observar o comportamento das fibras nervosas integrantes do SARA – Sistema Ativador Reticular Ascendente, que desempenha importante papel na manifestação de alguns sintomas mentais elencados na Homeopatia, conforme o texto. 1) formação reticular do tronco encefálico; 2) SARA; 3) tálamo (núcleos inespecíficos), relé de onde partem as fibras neurais que se dirigem ao neocórtex cerebral para mantê-lo em alerta

Fonte: (PRADA, 2014)

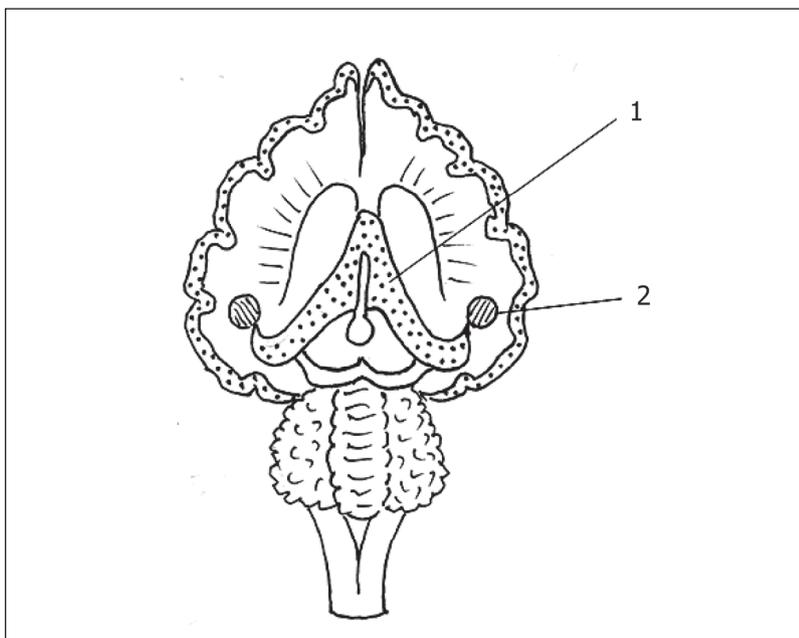


Figura 3 – Esquema representativo de encéfalo de cão, em vista dorsal, com evidência de estruturas do Sistema Límbico situadas em plano profundo dentro dos hemisférios cerebrais, e que se acham relacionadas à manifestação de alguns sintomas mentais, como são considerados na Homeopatia, conforme refere o texto. 1) hipocampo; 2) amígdala (corpo amigdalóide)

Fonte: (PRADA, 2014)

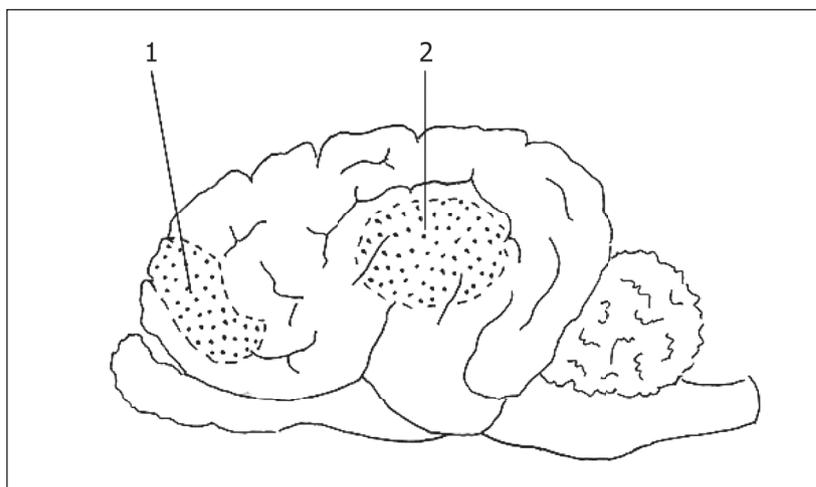


Figura 4 – Representação esquemática de encéfalo de cão (vista lateral à esquerda), com destaque para as áreas terciárias associativas do neocórtex cerebral relacionadas à manifestação de alguns sintomas mentais como são considerados na Homeopatia, conforme refere o texto. 1) área pré-frontal; 2) encruzilhada POT – parieto-occipitotemporal (na porção mais alta do lobo temporal)

Fonte: (PRADA, 2014)

1º Grupo – medo, temor, pavor, pânico, fobia, claustrofobia, agorafobia, antropofobia (medo da figura humana), hidrofobia, irritabilidade, agressividade, cólera, ferocidade, crueldade, destrutividade, ímpeto para brigar e ainda ímpeto para fugir, ímpeto para se esconder, regressão (comportamento infantil) e vergonha (retraimento) – estes sintomas se manifestam com expressivas reações orgânicas, acompanhadas de “emoções”. O termo “emoção” vem de ex = para fora, e moção = movimento, significando, portanto, o que o indivíduo “põe para fora” (comportamento), o que está sentindo (sensações) em suas entranhas, em sua mente (VIEIRA, 1985). Esses sintomas mentais interagem com as partes mais profundas do encéfalo, que compreendem a formação reptiliana e o sistema límbico (MACLEAN, 1990), do qual participam como estruturas corticais o giro do cíngulo, o giro parahipocampal e o hipocampo e como estruturas subcorticais, alguns núcleos talâmicos, o hipotálamo, os núcleos septais, a amígdala (corpo amigdalóide), os corpos mamilares, os núcleos habenuares e a formação reticular (Figuras 1, 2 e 3).

A atuação do Sistema Límbico se faz via Sistema Nervoso (SN) Autônomo, particularmente do SN Simpático, com a regência do hipotálamo (Figura 1). Ele rege as atividades viscerais que desencadeiam, na vigência do medo, do pânico e de outros sintomas mentais deste grupo, elevação da pressão arterial, taquicardia, vasoconstrição periférica, eriçamento de pelos, midríase e secreção de hormônios como noradrenalina e cortisol. Esses sinais fisiológicos acontecem simultaneamente e compõem a “Síndrome de Emergência de Cannon”, que prepara o organismo para o “*to fight or to flight*” (lutar ou fugir).

Na circuitaria límbica, a amígdala ou corpo amigdalóide (Figura 3) tem um papel muito importante, pois representa a “porta de entrada” dos estímulos desencadeadores dos processos emocionais. Ao receber um estímulo, envia-o ao hipotálamo – principal centro comandante da atividade visceral – e à área pré-frontal (Figura 4), sítio neural que tem a ver com julgamento do que está acontecendo. Pelo hipotálamo, via SN Autônomo, são desencadeadas as reações viscerais que, à medida que vão acontecendo, geram

novos estímulos que pela medula espinal, tronco e tálamo, chegam ao neocórtex cerebral, inclusive à área pré-frontal, realimentando o circuito. Por esse mecanismo expressam-se organicamente os sintomas mentais referidos neste bloco.

Além da amígdala, outra estrutura importante na circuitaria límbica são os núcleos septais (Figura 1), pois eles se relacionam às sensações de prazer, de bem-estar, de euforia, com a satisfação de “necessidades básicas” ligadas à fome, à sede e ao sexo. Ablações experimentais da área septal, em animais, resultam em hiperatividade emocional e ferocidade, com alterações da pressão arterial e do ritmo respiratório. Em etologia – a ciência do comportamento, consideram-se que os eventos de agressividade, crueldade e violência resultam de frustrações, ou seja, da não satisfação particularmente de necessidades básicas.

2º Grupo – exibicionismo, vaidade, ciúme e ainda sensação de abandono – são sintomas mentais relacionados à carência afetiva, que tem suas raízes no mais antigo dos blocos cerebrais, o complexo reptiliano, formado principalmente pelo tronco encefálico, diencéfalo (região talâmica) e porções profundas dos hemisférios cerebrais (MACLEAN, 1990). Nesse estágio do processo evolutivo surgiu a condição de “um ser cuidar de outro ser” (mãe e sua cria) e, nos filhotes, a necessidade de chamar constantemente atenção de seu cuidador, o que se traduziu em um “pulso” do inconsciente. Esse “pulso límbico” tem importantes repercussões sociais e educacionais na vida dos seres humanos (MACLEAN, 1990). Nos animais, o exibicionismo em adultos também se relaciona à busca de parceiros sexuais ou à demonstração de liderança e poder. Para tanto, chimpanzés exibem ostensivamente seus órgãos sexuais.

3º Grupo – gula e ninfomania (exacerbação sexual) – são sintomas mentais relacionados ao hipotálamo (Figura 1), que recebe influências de estruturas do sistema límbico e da área pré-frontal. Assim, desajustes

do psiquismo, de várias naturezas, por esse mecanismo acabam se traduzindo na falta de controle na ingestão de alimentos e/ou no exercício da sexualidade.

4º Grupo – embotamento, estupor (semiconsciência), exaustão mental (prostração), inconsciência (coma, estupor), prostração mental e ainda aflição, agonia, angústia, ansiedade, impaciência, excitação, inquietude, compulsão e obstinação – são sintomas mentais relacionados ao que se rotula, em neurologia, como “distúrbios do nível de consciência”, diferentes dos sintomas mentais relacionados a distúrbios do conteúdo da consciência, como veremos. Da formação reticular (entremeado de corpos de neurônios e fibras nervosas) do tronco encefálico partem fibras que compõem o “SARA” – sistema ativador reticular ascendente, cuja função é distribuir-se no córtex cerebral para mantê-lo “em alerta” (Figura 2). Por intermédio do SARA, compõe-se uma via “extralemniscal” (não específica) dos estímulos sensoriais à custa do que o neocórtex “fica sabendo” que estão chegando estímulos, embora não os qualifique, e fica em “alerta”. Em lesões estruturais do tronco encefálico, o SARA rebaixa sua função, em vários níveis, resultando nos diferentes estados de rebaixamento do “alerta cortical”, desde níveis pouco significativos até o coma profundo.

No caso dos sintomas mentais como aflição, agonia, impaciência, excitação e inquietude acontece o contrário, ou seja, está havendo uma estimulação exagerada do neocórtex cerebral pelo SARA. O indivíduo sente esses sintomas sem especificar a natureza da causa desses estímulos, ou seja, quase sempre não se tem noção do “por que” se está em aflição.

5º Grupo – confusão mental, demência, alheamento, alienação, insanidade, compulsão e obstinação – são sintomas mentais que em neurologia se acham relacionados a “distúrbios do conteúdo da consciência”. Embora a consciência se ligue ao tronco encefálico e não ao neocórtex cerebral (PENFIELD, 1983), considera-se a necessidade de projeções do tronco para

o neocórtex, a fim de que o conteúdo da consciência possa se manifestar. Nos animais, o conteúdo da consciência pode se expressar pela emissão de sons e pela linguagem corporal e, no ser humano, também pela linguagem falada e escrita. Qualquer estímulo sensorial que chegue ao córtex cerebral alcança primeiramente sua área específica (neocórtex primário), chegando finalmente nas áreas neocorticais terciárias associativas (Figura 4). Uma delas é a área pré-frontal, ligada a processos cognitivos como aprendizado, associação de ideias, julgamentos, decisões, crítica de situações e memória. Afecções dessa área cerebral podem comprometer a expressão comportamental do conteúdo da consciência, mas os sintomas desse grupo também podem ocorrer por desarranjo da estrutura psíquica do indivíduo, motivada por sofrimento mental de várias naturezas.

6º Grupo – afeto, alegria (grande alegria), afabilidade, amizade, altruísmo, otimismo, amor, sensação de paz na linguagem da neurociência, esses sintomas podem ser entendidos como formas sofisticadas de senso-percepção, como experiências sensoriais complexas, compondo, portanto, uma categoria diferenciada no campo da afetividade, não se podendo confundir com sensações ou emoções primárias como, a exemplo, as que são vivenciadas no primeiro grupo. Enquanto estas últimas interagem pontualmente com regiões e estruturas primitivas do cérebro, os sintomas deste grupo interagem holisticamente com várias estruturas, particularmente com o neocórtex terciário associativo, representado pela área pré-frontal e neocórtex de algumas regiões dos lobos parietal e temporal. Nos últimos tempos, vêm sendo realizadas em seres humanos investigações muito interessantes em neurociência, buscando-se estabelecer, mediante ressonância magnética funcional, correlações neurais com experiências místicas e religiosas (BEAUREGARD; PAQUETTE, 2006). Os resultados evidenciam que muitas regiões cerebrais são marcadas durante o transe, inclusive o córtex pré-frontal, além de

áreas corticais dos lobos parietal e temporal e o córtex visual, o que se mostra compatível com alterações da percepção sensorial (com a criação de imagens visuais mentais), alterações cognitivas (como sentir-se integrado ao universo) e alterações emocionais (sentir intensamente paz, júbilo e amor incondicional). Quanto aos animais, também temos pesquisas atuais que nos surpreendem. É o caso de estudo efetuado em Budapeste (ANDICS et al., 2014), de neuroimagem cerebral por ressonância magnética funcional em cães e humanos submetidos ao mesmo conjunto de estímulos vocais e não vocais, para investigar regiões corticais sensíveis à voz, funcionalmente análogas nos dois grupos. Os resultados obtidos mostraram que as áreas de percepção e de processamento da voz também existem nos cães, com padrão funcional semelhante ao apresentado pelos seres humanos, havendo, nos dois casos, participação de áreas auditivas não primárias (secundárias e terciárias associativas), as quais contemplam ainda o fator emocional que acompanha o estímulo auditivo. Esses dados elucidam como os cães podem entrar em sintonia com os sentimentos dos seus tutores. No texto da pesquisa comenta-se que, quando você ouve a voz de um amigo, imediatamente vem à sua mente a imagem dele, mesmo que não o veja. A partir do tom de sua fala, rapidamente você sabe se ele está feliz ou triste, porque o cérebro humano possui uma área de processamento de voz, o que agora também se encontrou no cérebro dos cães. Aliás, hoje, se sabe que as diferenças de configuração do cérebro (e de todo o sistema nervoso) dos animais, em relação ao padrão humano, são de natureza quantitativa e não qualitativa (PRADA, 1989; 1997).

Para ilustrar a discussão de todos os grupos, são apresentados alguns exemplos de relatos de atendimentos clínicos com utilização de homeopatia para tratamento de sintomas mentais em animais. É o caso de artigo publicado na Revista de Homeopatia (SAVI; ROCHA; BEMBEM, 2011), com foco nos sintomas de hiperalgesia e intensa agressividade em cadela politraumatizada, com comportamento que dificultava

seu manuseio, quadro que foi revertido com tratamento homeopático. Pode-se inferir que neste caso a dor física atuou como agente de indução de reações exacerbadas de defesa, gerando sintomas mentais caracterizados por violência e ferocidade. Em termos neurais, este caso acha-se inserido no primeiro grupo da classificação aqui estabelecida, encontrando-se ativas particularmente a amígdala e outras estruturas do sistema límbico.

Torro, Larsson e Bonamin (2004) correlacionaram homeopatia e dermatoses por lambedura (DL), em 56 cães e 21 gatos atendidos no período de 1995 a 1999 no Serviço de Dermatologia do Departamento de Clínica Médica da FMVZ – USP, com o objetivo primordial de se caracterizar o perfil psicossomático desses animais. Esse trabalho registrou entre os sintomas mentais repertorizados, desde os de sobrevivência com medo, comportamento de assustado, de briguento, até outros mais sutis, como demonstração de afeto e docilidade mostrando-se, entretanto, ressaltada, como denominador comum, intensa necessidade de companhia humana e de afagos (carência afetiva). Houve sucesso com o protocolo terapêutico homeopático adotado, pois se obteve total cicatrização e recobrimento piloso completo das áreas lesadas em 74% dos caninos e 89% dos felinos. Pode-se avaliar que casos como esses, de carência afetiva, se inserem no segundo grupo da classificação aqui proposto, comprometendo em termos neurais, estruturas límbicas que compõem o que MacLean (1990) chama de complexo reptiliano. Por diversas razões, que podem deixar o indivíduo inseguro, surge como “pulso” do

inconsciente a necessidade de se chamar constantemente atenção de alguém em quem confie.

Torro, Larsson e Bonamim (2004) destacam que a maioria dos protocolos terapêuticos para a DL segue os avanços da evolução da terapia para o transtorno obsessivo compulsivo humano (TOC), já que são processos teoricamente semelhantes. Entretanto, os tratamentos são longos, às vezes por toda a vida, e quase sempre acompanhados por efeitos colaterais indesejáveis como sedação, apatia, embotamento, inquietude, insônia, anorexia e náuseas. Sendo ainda tais terapias meros paliativos, agindo no sintoma (a lambedura) e não na causa (modo do animal reagir ao meio), torna-se importante o estudo de novos caminhos para o entendimento e tratamento da DL. Neste aspecto, está incluída a possibilidade do tratamento homeopático, cujo grande diferencial leva em conta o indivíduo como um todo e não somente a parte afetada. Assim, agindo na causa da enfermidade propiciando a cura real e não apenas o desaparecimento do sintoma aparente.

Pelo exposto em todo o texto pode-se concluir que para o médico veterinário homeopata os dados aqui apresentados são de interesse prático no atendimento de seus pacientes, dada a relativa facilidade com que podem ser estabelecidas as correlações entre sintomas mentais e funções cerebrais. Ressalte-se ainda nesse contexto, a possibilidade de validação do uso de repertórios homeopáticos humanos na clínica veterinária, notadamente em relação a distúrbios comportamentais, evidentemente com as devidas reservas, sempre balizadas pelo bom senso do profissional.

Referências

- ANDICS, A.; GÁCSI, M.; FARAGÓ, T.; KIS, A.; MIKLÓSI, A. Voice-sensitive regions in the dog and human brain are revealed by comparative fMRI. **Current Biology**, v. 24, n. 5, p. 574-578, 2014. Disponível em: <<http://www.cell.com/current-biology/abstract/S0960-9822%2814%2900123-7>>. Acesso em: 3 jun. 2014. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cub.2014.01.058>.
- BEAUREGARD, M.; PAQUETTE, V. Neural correlates of a mystical experience in Carmelite nuns. **Neuroscience Letters**, v. 405, n. 3, p. 186-190, 2006. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0304394006006392>>. Acesso em: 2 mar. 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.neulet.2006.06.060>.
- BENEZ, S. M. **Manual de homeopatia veterinária**: indicações clínicas e patológicas, teoria e prática. São Paulo: Robe Editorial, 2002. p. 58.
- CAPRA, F.; STEINDL-RAST, D. Critérios para o pensamento do novo paradigma na ciência e na tecnologia. In: CAPRA, F.; STEINDL-RAST, D. **Pertencendo ao universo**. São Paulo: Cultrix, 1991. p. 99-100.
- DYCE, K. M.; SACK, W. O.; WENSING, C. J. G. **Textbook of veterinary anatomy**. 2. ed. Philadelphia: Saunders, 1996.
- HAHNEMANN, S. **Exposição da doutrina homeopática ou organon da arte de curar**. 3. ed. São Paulo: GEHSP "Benoit Mure", 2007.
- MACLEAN, P. D. **The triune brain in evolution**. New York: Springer, 1990.
- PENFIELD, W. **O mistério da mente**. São Paulo: Atheneu, 1983.
- PRADA, I. L. S. Os animais têm alma? **Comunicações Científicas da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 2, p. 59-64, 1989.
- PRADA, I. L. S. **A alma dos animais**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1997.
- PRADA, I. L. S. Os animais são seres sencientes. In: TRÉZ, T. A. (Org.). **Instrumento animal**: o uso prejudicial de animais no ensino superior. Bauru: Canal 6, 2008.
- RIBEIRO FILHO, A. **Repertório de homeopatia**. São Paulo: Organon, 2005.
- SAMPAIO, A. A importância do psiquismo animal na compreensão da enfermidade. In: CONGRESSO ESTADUAL DE MEDICINA VETERINÁRIA, 10.; ENCONTRO DE MÉDICOS VETERINÁRIOS DO CONE SUL, 1., 1988, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 1988.
- SAVI, P. A. P.; ROCHA, A. G.; BEMBEM, M. N. *Aurum metallicum*: hiperalgesia e agressividade. **Revista de Homeopatia**, v. 74, n. 3, p. 134, 2011.
- TORRO, A. R.; LARSSON, C. E.; BONAMIN, L. V. Homeopatia e dermatoses por lambedura: estudo clínico. **Revista Brasileira de Ciência Veterinária**, v. 11, n. 3, p. 147-152, 2004.
- VIEIRA, R. M. **A mente humana**: uma aproximação filosófica no seu conhecimento. 1985. Dissertação (Mestrado) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1985.